N.º 208 (4.º)—(330)—7.º ANNO—Quinta-feira 5 de Novembro de 1914—Preço 2 cent.

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico

Propriedade da Empreza do jornal **O Zé**

DIRECTOR E EDITOR

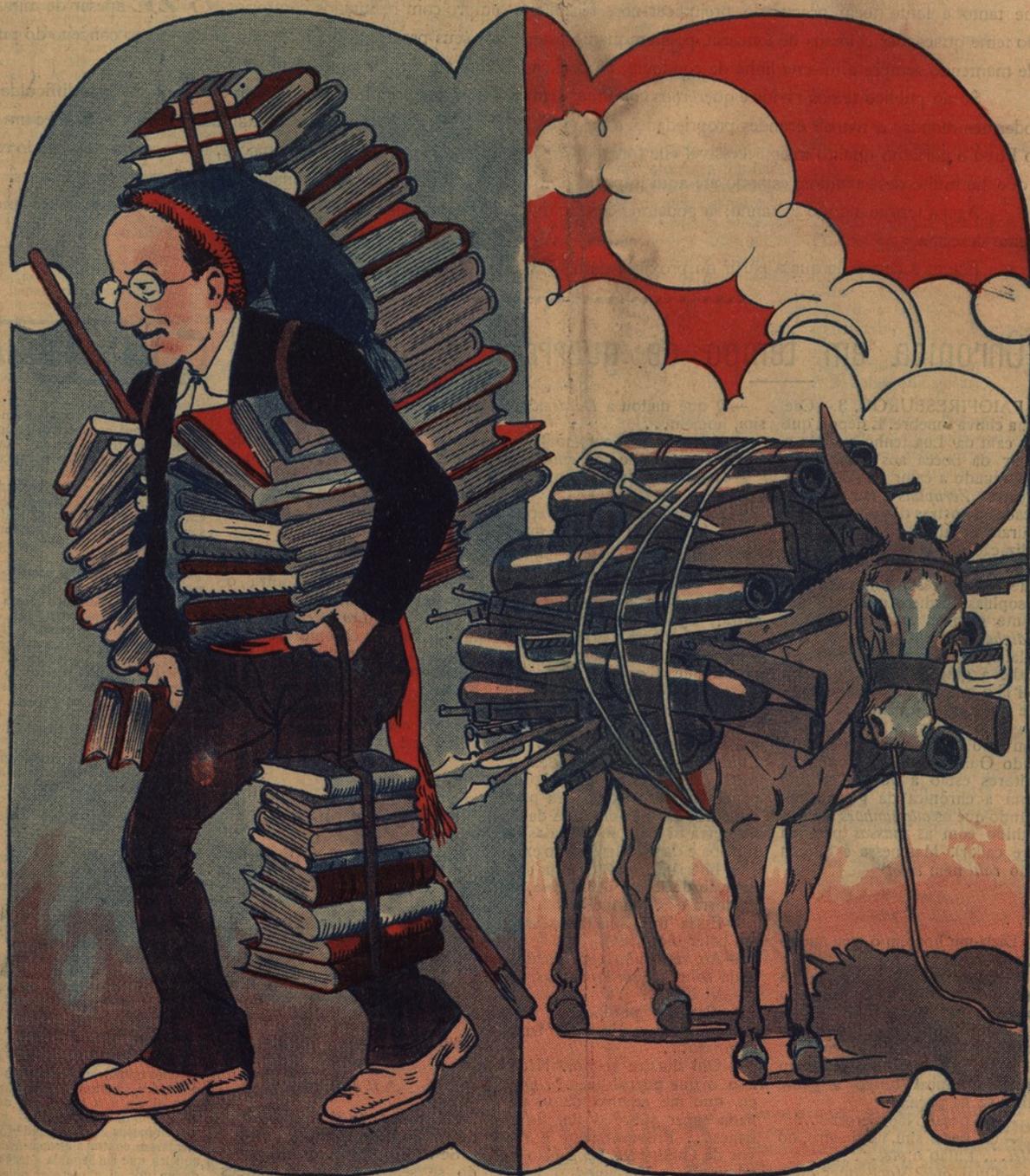
Estevão de Carvalho

Composto e Impresso nas Officinas Graphicas do jornal **O Zé**

Rua do Poço dos Negros, 81-1.º

Trabalho colorido da **Lithographia Matta** de Rosa & Ferreira — R. da Magdalena.

Successôr do jornal O XUÃO Redação e adminis ·ação, Rua do Pôço dos Negros, 81

Um Pacheco carregado de livros é doutor!

Um burro carregado de armamento é conspirador

O ZÉ a 1 centavo (10 réis)

BI-SEMANAL

Terminando com o presente numero o 4.º anno do nosso jornal, a empreza resolveu, em vista do acolhimento com que o publico sempre o distinguiu, passal-o a bi-semanal, augmentando-lhe o formato, introduzindo-lhe novas secções e publicando em cada numero **2 grandes paginas,** isto é, **4 bellas paginas de caricaturas** por semana, ficando portanto os nossos leitores beneficiados com uma pagina semanal. **Todas as paginas que publicarmos serão sempre a côres. O ZÉ** sahirá temporariamente ás quartas e sabbados.

Considerando-nos um **pigmeu,** não podemos de fórma alguma mandar vir novas machinas do estranjeiro, como qualquer colosso o faria com a maior facilidade — **sem piada** — mas, mesmo assim, podemos offerecer aos nossos leitores apenas por **1 centavo,** um jornal como jámais se publicou em parte alguma do mundo.

Vae decerto causar o maior successo a nova fórma porque vamos apresentar o nosso jornal e isso nos basta para continuarmos trilhando sempre o caminho em prol da Republica e da Liberdade, sem nos importarmos com os invejosos camaleões que tanto e tanto teem procurado prejudicar-nos, felizmente sempre com resultados contrarios. **O ZÉ** apesar de minusculo não teme quaesquer colossos de fancaria, pois emquanto estes pelos seus processos dia a dia vão decahindo no conceito do publico, elle mantendo sempre a mesma linha de conducta, vê constantemente augmentar as sympathias.

Só do publico temos vivido e queremos continuar sempre assim, preferindo viver honestamente, embora com difficuldades, a podermos mandar construir grandes propriedades á custa d'algum balcão que puzessemos na administração. **O ZÉ** é um jornal do Povo e portanto quanto mais accessivel elle fôr, tanto melhor. Eis a nossa unica preoccupação, tendo agora conseguido realizar o que ha muito desejavamos, estando até aqui impedidos de o fazer, devido aos collecionadores não ficarem prejudicados.

Agora terminando o 4.º anno, já podemos com grandes vantagens para os nossos leitores fazer a modificação tão anciosamente desejada.

Estamos certos de que a partir do proximo numero, ninguem deixará de comprar **O ZÉ.**

Chronica em tempo de guerra

PAIOPIRESBURGO, 3.—Cae uma chuva funebre. E depois que eu cahi da Lua tenho andado a cahir da bocca aos cães. Teem continuado a cahir *souvenirs* dos illustres *Zeraplins* e tambem delicadas amostras dos pardaes que pairam no alto... Será já a mobilização no reino *avial?* Tudo cahe n'este mundo. (Vamos lá, que o tempo está bom para philosophias!) Cahe o pobre *Zé* pagante com as *massas* e com as *vidinhas.* Cahe o *ministerio* a um fulano, quando vae ao barbeiro. Cahe a ginginha nas tripas. Eu sei lá o que cahe... Até se cahe de queixos... quando se escorrega no caminho. Só não cahe um raio que parta... o estuporado Guilherme! (Até os amigos leitores estão a vêr se eu *caio* com a chronica da guerra, julgando que os *allemanhões* tenham cahido com as *massas* para eu me callar). Mas nessa é que eu não *cahi* nem *caio!*

*

Dizia-me hontem o meu amigo Quitolas:

—Que diabo! Tantos *ótélos* ha nas cidades por onde eu tenho passado...

—Que admiração! Pois então onde se ha de alojar a gente?

—Alojar? «Quaes» *alojar* nem qual carapuça! Então a gente aloja-se na peça?

—Na peça? Não percebo...

—Na peça, sim, no theatro, no *ótél*... Então o *ótél*...

—Qual *otél?* Você quer dizer o *Othello*...

—O que matou a *Desdemôna,* sim, homem...

—Ah! mas você enganou-se... Então são *hoteis* e não *othellos...*

—Assim deve ser... foi confusão dos hh...

—E dos narizes... Depois que o Guilherme abalou o mundo...

*

Tres nações importantes vão entrar, agora, no conflicto: S. Marino, Andorra e Liberia. Toda a humanidade espera, anciosamente que a guerra se resolva d'esta feita com a intromissão d'essas nações.

Tivemos occasião de fallar com um jornalista liberiâno, o sr. Chulamiks-trêsquinze. Sua excellencia fallou-nos de reducção do papel nos jornaes do seu paiz, da crise das pevides que desde a guerra não são importadas da Europa e da mobilização do exercito liberiâno. Haverá uma conjugação de forças da Liberia, de Andorra e S. Marino.

—Essas tres alliadas pensam em bater o *Kaiser?*

—Ao certo não está decidido nada sobre quem deve levar...

—V. Ex.ª...

— Perdão, perdão... Leve quem quizer... Eu nada tenho com isso...

—Oh! illustre senhor. Não é isso o que quero dizer... Digo eu, que me admiro de v. ex.ª nada saber sobre o fim da alliança... Provavelmente é a favor de Guilherme, hein? Não me admirava... Veriamos o imperador rodeado dos *allemanhões* tezissimos da costa, (em fazer mal!) os turcos fumando *narghilé,* os *chinas* de pausinho, á cata de arroz (e dos *bichinhos* do olho alheio...), os *chuchelamis* da Liberia dansando o *esfranguia mia gente,* á laia de hymno nacional... E depois S. Marino... E depois Andorra... Ora...

...E *Trêsquinze* retirou-se, confuso pelo meu bello discurso belligerante..

*

Tenho a protestar contra o abuso dos *percevéjos* das peças do sr. *Napus Leo* virem passear para as minhas chronicas... Por isso peço ao illustre collega que os vá mandando de presente ao *Kaiser.*

S. M. Imperial gosta muito que *lhe mandem* d'isso, para as collecções!

Zé das Borras.

Graça d'outros

(Imitações do hespanhol)

VIII

Luiz, pintor de Ana Gil,
Assim que ajustou o retrato,
Quiz fazê-lo de perfil,
Por sêr algo mais barato.
Mas a joven de repente,
Exclamou, com grande enfado:
— Assim não, antes de frente,
Porque eu não gósto de lado...

Porto. *Edurisa,*

Ai! filhos

Na Allemanha já se sente falta de braços e de trigo.

Se isto é agora que fará quando se sentir a falta de homens para o gozo dos *alimões.*

NA BRECHA

As instituições consolidam-se por meio de uma boa administração, fazendo-se justiça recta e leis que fomentem a riquesa desenvolvendo a agricultura, a industria e o comercio.

A lei deve estar acima do capricho dos homens; a liberdade deve ser respeitada em todas as situações. Quando o não seja, o imperio da lei é substituido pelo arbitrio, que mal se justifica mesmo em casos extraordinarios!...

No paiz ha leis, ha tribunais, ha juizes, ha justiça.

Os codigos são letra morta quando os populares em momentos de exaltação se erguem e exercem violencias, que não ha ninguem que não condene e até os proprios que as cometeram não desejariam que lhes fizessem o mesmo.

Perante factos tão lamentaveis, em que situação ficam as autoridades, a lei e a justiça?!

O direito de propriedade foi pisado e esta distruida!

As instituições não ficaram mais solidas com aqueles atentados; as autoridades não ficaram com mais prestigio e a lei foi menosprezada...

Sobre os ultimos sucessos diz um jornal:

«Entre as muitas razões que nos devam a reprovar tudo quanto represente uma violencia contra a propriedade alheia, avulta o saber-se que no meio d'esses tumultos apparecem creaturas, vindas ninguem sabe d'onde e que se aproveitam da exaltação dos espiritos para praticarem actos criminosos.

O resultado d'isto é pagar o justo pelo pecador, attribuindo-se a todos o que foi obra de meia duzia.

Pensem n'isto todos os bons republicanos e por certo que hão de concordar comnosco.»

Actos criminosos são todos aqueles, dos quais resultou o arrombamento da casa alheia e a destruição de moveis que foram deitados á rua.

Criminosos são os individuos que atentaram contra a propriedade alheia; aqueles que em seguida a taes actos andaram por aí a oferecer objectos apanhados no meio da devastação dos fu-

riosos, são uma caracteristica consequente de assaltos de tal natureza...

Da impunidade resultarão a repetição de tais scenas *que se passaram mesmo nas barbas da policia e da guarda republicana!*... segundo disseram os jornais.

•

Escreve-nos um leitor de *O Zé*, dizendo que anda para aí um vendedor ambulante de toalhas e outros artigos similares e que tem por costume quando lhe dão dinheiro em prata para se pagar, mais tarde volta a dizer ás freguesas que o dinheiro que recebeu é falso.

Um conselho ao leitor que se nos dirige: — Esse mariola quando comete semilhantes abusos, é chamar um policia e manda-lo prender.

E' um remedio simples e em conta...

•

Diz-nos *um barbeiro*, que pelos modos tem a cachimonia cheia de ideias avançadas, que o governo, assim como trata do limite do preço dos generos e da regularisação dos cambios, tambem devia tratar da questão da renda das casas, obrigando os senhorios a abaixarem o preço dos arrendamentos.

Mestre escama, é possivel que tenha razão. Mas se o governo fizesse isso, como é que os senhorios haviam de pagar as contribuições que o Estado lhe exige?!

Lembre-se que ha senhorios ricos e outros cujos rendimentos mal lhes chegam para contribuições e viver.

A policia regula o preço dos generos, mas isso não tem motivado a baixa do preço dos mesmos. Eles teem aumentado da mesma fórma. Tais medidas teem sido contraproducentes.

A junta dos cambios apenas trata dos seus interesses, pois quem quizer libras na praça de Lisboa, não as encontra facilmente, porque os cambistas se as teem guardam-nas, segundo nos informam.

Essa tal junta apenas trata dos interesses da classe dos endinheirados; não dá pão á pobresa.

Uma medida que daria trabalho a muita gente, era obrigar os senhorios a fazerem obras nos predios que delas necessitassem e por esses bairros ha muitos que carecem de grandes reparações.

•

Dizem os jornais que a bordo dos navios inglezes costuma haver um animal domestico, que é estimado pelos marinheiros.

Num dos barcos que bombardeou as posições alemãs em Ostende, havia um macaco. Ao sentir o ribombar do canhão foi esconder-se dentro de um tacho de peixe.

Um gato que havia no barco portou-se á altura, não se afastando do convez.

Ha para aí muitos macacos bipedes que em valentia, são como o macaco quadrupede.

•

Sobre a má visinhança envia-nos um *constante leitor* uma longa carta da qual extraímos alguns periodos curiosos:

«Resido na rua de... ha bastante tempo. Tive por visinho um beleguim da justiça, casado, com filhos. A mulher quasi todos os dias me chateava:

«O' visinha empreste-me um tostão;

«O' visinha empreste-me uma coberta para a cama;

«O' visinha empreste-me uma toalha, que vem aí o medico e não tenho onde ele se possa limpar;

«O' visinha dá-me uma gota de azeite, sal, vinagre, etc.

«Essa visinha, que tratava toda a gente *por ordinaria*, ela que não tinha onde cair morta, que era uma porcalhona, que se passavam mezes que não lavava a casa e que até o marido é que passava a roupa a ferro, emquanto *sua senhoria* estava á janela a fazer o *gullo*, chamava a outra gente *ordinaria!!!*

«Ela e seu homem, eram uns cagões, que se julgavam alguem, mas que afinal nos momentos de ocio só tratavam da vida alheia, dizendo todo o mal possivel dos vizinhos, a quem deviam favores.»

«Tendo cortado as relações comigo, esse *par de jarras*, faz todo o possivel para me incomodar, prejudicando-me.»

«A queixa que fiz ao senhorio não produziu efeito e vejo-me obrigado a mudar de casa.»

O que tem a fazer alma de *diós*, é isso, *é mudar-se*, por que infelizmente tambem nós sabemos o que é essa gente, mais ruim do que o *demo*.

•

«Os filhos educados com castigos, são sempre mais tarde, quando pais ou mães, outros carrascos de seus filhos, continuando estes, por seu turno, a obra nefasta de seus ascendentes, até que a geração finalise pela esterilidade da procreação.»

Neste sentido no nosso paiz a educação de muitas crianças é feita á pancada, porque a verdade é que essa gente estupida e selvagem, julga que não póde haver respeito sem o medo...

Entre nós ainda hoje ha o costume de se dizer, quando se trata dos filhos:

— «*Pão na mão e pau na outra*...»

•

Correu para aí, que os assaltos aos jornais iam mais longe do que se imagina.

Até alguns que não teem côr politica, estavam condenados a ser destruidos.

Diz-se mesmo que essas *combinações inquisitoriaes* foram feitas em Sacavem.

Custa-nos a crêr que isso seja verdadeiro; mas se o é, justo é que aqueles que queriam cometer semilhante selvageria sejam apontados á indignação publica e lhe exijam responsabilidades reaes e efectivas.

Quando a justiça não guarde cuidadosamente no Limoeiro taes criaturas, justo é que os prejudicados e roubados e até os vizados ponham em pé de guerra a sua gente e compensem essa gente da sua gentileza.

Convem não esquecer que Eça disse que a justiça de cacete é a melhor que existe no nosso paiz.

Jean Jacques.

Quadras simples

V

Morêna, linda morêna,
Vida do meu coração;
Os teus lindos ôlhos nêgros
São a minha perdição.

VI

Julguei, que todos os beijos
Teriam o mesmo gôsto,
Que dessilusão sofri
Quando beijei outro rôsto.

Porto. *Edurisa.*

Querem dança

Los nuestros hermanos fomentam agora uma campanha de odio contra nós. Sabem lêr, por certo. Então compulsem na Historia, as duas paginas famosas de 1385 e 1640.

Pobres *ciudadanos*... Já dizia o celebre Pombal: «Muito pode um homem em sua casa que até depois de morto são precisos quatro para o levarem»!

Era uma vez...

Justiça divina

(TRAGEDIA)

Original de Napus Leo e Judex

Acto I

(A cena representa um escritorio d'uma companhia de vapores, bem ou mal mobilado ou mesmo sem mobilia alguma. E' indispensavel que tenha no ultimo plano um cofre, que pode ser pintado á vontade do freguez. Em cima d'elle um percevejo passeia tranquilamente, fumando um cigarro forte, emquanto um bichano bebe a agua do escarrador que está ao lado d'uma secretária.

CENA I

Pancracio:

Deshonrado, perdido em aflições
Só me resta estoirar a mioleira,
Ou então... Mas não vale ralações
Suicidar-me era afinal asneira.

(Tira da algibeira um mólho de chaves e tenta abrir o cofre que se opõe ferozmente. Entra o patrão, John Smith socio da firma Smith & C, L.da).

CENA II

Pancracio e John Smith

Smith:

Que fazes ahi bandido?
Assim se rouba o patrão?
Has-de ser já perseguido
Ou entrega-te á prisão.

Pancracio:

Perdoai-me senhor
Ouvi-me por favor:

A vida dura e cruel
Que já eu tenho passado
O estomago poz-me em fel
E o meu corpo n'um assado;

E a fome faz-me roubar
Com cautela e devagar...

Smith:

Para castigar a ti,
Sem ter dó e sem malicias,
Vou já depressa d'aqui
Chamar agora policias.

Pancracio *(caindo de joelhos)*:
Senhor meu tende piedade
Não tireis o ganha pão
A mim que sem ter maldade
Prometo aqui mesmo...

Smith *(batendo o pé)*:
Não!
Sem demorar uma hora
Vais sairam d'aqui p'ra fóra.

Pancracio:

Senhor...

Smith:
Já te disse canalha
Não me estejas a chatiar
Has-de ir mastigar muita palha
Em um *cagarrão* d'alem mar.

(Smith, corre ao telefone agarrando-se-lhe Pancracio aos joelhos,?

Pancracio:

Senhor meu, não façais tal

Smith:
Biltre, canalha, ladrão
Patife...

Pancracio:

Não faleis mal;
Calai-vos, ó intrujão.

Smith:

Engole essas ameaças
Porque já d'aqui não passas.

Pancracio:

Dobrai a lingua seu méco
Porque eu vos faço um marréco.

(Pancracio desembainha um revolver e dá em Smith duas facadas. Este cae a estrebuchar).

Pancracio: *(limpando o suor)*:

Agora vou-me raspar
E a bella vida gosar.

(Antes de sair, Prancacio, dá um soco no cofre, vomitando este dois sacos com libras. Apaga a luz, e com os sacos ás costas sai) a voz d'um vendedor de castanhas, na rua:

Quentes e boas! Dez reis são 20!

ACTO II

(Está-se no sétimo ceu. O concilio dos deuses está reunido para julgar John Smith. Este sentado n'um banco de pau-pedra aguarda o resultado comendo fatias de pão com sebo d'Holanda).

Jupite rpresidindo ao concilio:

Aqui todos em concilio
Vamos decidir a sorte
Com presteza e sigilio:
A liberdade ou a morte.

Por pouco que a gente pense
E por muito que elle aguente
Este melro pertence
A's hostes da luza gente.

Já vem desde a antiga Roma
Lá dos tempos de Caligula...

Smith:

O que dizes? Ora toma...
Luzo eu? Lá isso virgula.

UM PONTAPÉ MAGISTRAL

Isto não é nada; é só p'ra vêr se elles avoam!

A partir do proximo numero O Zé publicar-se-ha ás quartas e sabbados, apenas por 1 centavo (10 réis)

Eu nasci sem ter dinheiro
P'r'os lados da Bôa-Vista
Meu pae foi sapateiro
A minha mãe foi modista

Senhor Jupiter Tunante,
Se percebe bem francês
Verá logo sem desplante
Se sou ou não bem inglês

Marte *(levantando-se)*

E' por via dos dejectos
Que o *Kaiser* faz lá na terra
Que apresento estes projectos
Para acabar com a guerra.

Jupiter *(com desdem)*

Deixa-te d'essa ó Marte
Não farás o teu intento:
Põe os projectos de parte
E na bola toma tento.

Jupiter dirige-se a Smith e interroga-o:

Donde vens valdevinos, imprudente;
Que crime cometeste tu na terra?
Fizeste alguma acção muito indecente
Ou tu fugiste acaso lá da guerra?

Smith:

Eu senhor não fiz nada,
Crime algum cometi,
Levei só 'ma panada
Pela qual eu morri.

(Vulcano, acusador, folheia o livro do destino e dá uma palmada na testa.)

Vulcano:

O' caso grande, estranho e não cuidado
O' milagre clarissimo e evidente,
Motivo que o fará apatetado
Que eu achei com ciencia tão ingente.
Do reu que vêdes sentado
Diz o livro abençoado:

Ajudou a Guarda Republicana
A esmigalhar a fraca força humana

Com armas e cacetes larapiados
Com *formigas* e n'uma lida insana
Em becos nunca d'antes vasculhados
Assaltou os jornaes da Luzitania,
Em perigos e assaltos esforçado,
Mais do que prometia a força humana.
Entre gente rôta blasfemou
O governo que tanto sublimou

A sentença portanto eu lhe dou
Atendendo ao seu tão bonito estado
Ha-de ser com a alma do seu avô,
Na forja dos Cyclopes, bem queimado

Smith *dirigindo-se a Bacco, que o defende no concilio, pisca o olho direito e diz;*

O' tu que tens de humano o gesto e peito
Passa para cá um cigarro já feito

Bacco *mete a mão na algibeira esquerda das ceroulas, puxa da cigarreira e oferece:*

Não te alambases, pega lá
Leva só um e estás com sorte
Despacha-te porque vou lá
Tentar arrancar-te da morte.

Arre, malandros!

Novamente esses taes conspiradores,
os *audazes* **talassas** embusteiros,
brandiram sujas patas de sendeiros,
contra a Patria, onde são ruins traidores.

Novamente esses parvos defensores
da monarchia vil de *rapinceiros*
arreganharam dentes de *rafeiros*,
para satisfação dos seus rancôres.

Patifes, pulhas, biltres renegados,
assassinos, canalhas, depravados,
que albergam, só, no peito a malvadez.

Oxalá que, p'la Patria repelidos,
sejam bem castigados os bandidos,
indignos do bom nome portuguez!

Vid'alegre.

A *Review of Reviews* de Londres reproduz no seu ultimo numero a caricatura que *O Zé* publicou no seu numero 198 de 27 d'agosto findo, o Czar dando a liberdade á Polonia, o que muito agradecemos.

Inacreditavel

A policia parece que recebeu ordens de altas regiões a fim de mandar retirar do mercado dois dos bilhetes editados por um nosso amigo e que temos vendido na administração d'*O Zé*. Chega a parecer inacreditavel que se mande retirar exactamente aquelles que atacam o estado com quem nós nos podemos considerar abertamente em hostilidade.

A attitude dubia do governo não se comprehende, pois nós temos bastas vezes mostrado que estamos de alma e coração ao lado dos aliados e que repudiamos essa horda de barbaros que tenta esmagar a Liberdade, a fim de se impor com todo o seu reaccionarismo.

Repetimos, os portuguezes não podem continuar mantendo uma attitude incomprehensivel e se ha alguem que não tenha a coragem precisa para arcar com a responsabilidade do seu cargo, esse alguem que saiha, pois falta alguma póde fazer ao paiz quem seja *feijão frade*.

CONTOS SIMPLES

A escapadela

Vinte de Fevereiro! Dia d'entrudo!... Oh! sim! Chegara a tão almejada data.

Antonio levantara-se do leito como um melro.

A sua potente voz ouvia-se na rua.

E a encantadora D. Julia, dando treguas á sua azafama habitual, quedava-se no quarto de *toilette*, contemplando o seu companheiro.

Na verdade este parecia metamorphoseado.

A propria sogra o notara, apesar de se sentir n'aquelle famoso dia tambem estranhamente preocupada...

— Que me diz a Mamã do Antonio? — perguntava d'ahi a momentos D. Julia á velha dama, na cosinha.

— Que vive com gosto.

— E está bem disposto — ajuntou rindo a juvenil senhora — Ah! é o carnaval! O carnaval!

— Pudera! Não ha epoca melhor — redarguiu a velha com uma vivacidade, de que logo se arrependeu, pois notara na criada, testemunha da scena, um risinho malicioso.

Sim! As tuas proesas — oh! velha *gaiteira* — já eram bastante conhecidas.

Não se leva impunemente uma vida dissoluta.

E toda a gente pasmava, como a honesta e adoravel D. Julia fosse filha de semelhante creatura.

Oh! a miraculosa excepção!...

Mas voltemos ao nosso Antonio, o protagonista d'esta pequena historia.

O chefe da familia já não cantava. De pé no quarto de *toilette*, parecia agora tomado de subita e singular melancholia...

O seu ensombrado olhar não se despregava da porta por onde a esposa saira.

Mas que significava aquella reviravolta?

O caso era simples. Muito simples.

Casadinho apenas ha seis mêses e adorando a gentil esposa, Antonio não podia, comtudo, fugir ao seu... *temperamento*.

Ao seu temperamento e á sua edade.

Vinte e dois annos! Vinte e dois annos apenas contava o nosso heroe.

E uma recusa não lhe veiu aos labios para certo convite dos seus colegas do escriptorio.

Sim! N'aquella noite, os empregados da Firma L&T, onde o marido de D. Julia moirejava, abancariam com as pupillas de certa proxeneta da Baixa, ás mesas d'um *restaurant* dos suburbios...

Emfim, uma noite de grossa pandega.

E eis o motivo dos remorsos do rapaz.

— Já não cantas? — interrogou a esposa, reentrando de roldão no aposento, de vassoura em punho.

— Não. — redarguiu quasi machinalmente Antonio — Agora, penso.

— Ah! pensas?!... Pois a pensar... morreu um burro. Mas, safa-te, safa-te, meu filhinho. Vae para a casa de jantar. Preciso de varrer este quarto.

— Varrer! Varrer!... E o que faz a criada? Em que se occupa a tua mãe?...

— A mamã está na cosinha.

— Pondo o almoço ao lume?

— Pondo ao lume o... ferro de frisar.

(Continua)

Miguel Batalha.

A loucura

Parece que a Turquia vae entrar, tambem no conflicto, o que trará mais tres ou quatro nações, entre ellas a Romania e a Bulgaria. Mais sangue! Como a consciencia dos iniciadores de tanto mal, não ha de estremecer, ante a horrenda innundação de sangue humano, em que boia a Europa...

Decididamente a loucura assentou arrayaes no mundo!

publica no proximo numero

2 explendidas paginas a côres

***1 centavo* (10 réis)**

Vejam o proximo numero de O ZÉ a côres

Preço 1 centavo (10 réis)

Ultimas Noticias

(Do nosso correspondente especialissimo)

A GUERRA

Com medo do «Kaiser»

CHUCHULANDIA, 3—O povo de aqui anda com medo do Guilherme e das respectivas furias. Teem passado pelos ares inumeros *zeraplins*. Como se não sabe, aqui, quem vencerá, aguardam-se os acontecimentos, para depois se mobilizar a tropa... fandanga. — C.

Um mau sonho

BERLIM, 3 — S. M. o Kaiser, teve esta noite um pezadello que o fez acordar a tremer e suando. S. M. sonhava com o ajuste de contas, do futuro e ouvia um côro macabro das victimas que tem feito.—C.

A celebre offerta

BERLIM, 4—Já cá chegou o amendoim dos germanophilos de Cacilhas, importante estado a W. da Europa. Guilherme vae trincando e engulindo e... á falta das duas peras habituaes lá vae passando melhor pelo somno. —C.

Arrependimento

PARIZ, 4 — Que saudades, aqui, pelo *Kaiser!* O jantarzinho prompto, e depois uma excellente sobremeza, de arromba, digna do mais illustre anthropóphago da Nova Zelandia. Toda a gente reconhece agora, que elle é um santo. Faz a guerra, mas não é por mal! — C.

Mais uma nação em guerra

PARIZ, 4 — Lavra aqui grande anciedade por causa da mobilização de S. Marino, que vae pelo Guilherme, segundo parece. Tambem só assim é que elle pode vencer, com alliados tão fortes e poderosos.—C.

—=—

Informações do Interior de Dentro

—O sr. Marquez de Pelle-de-Camarão (Cozido) offereceu os seus serviços a favor da Allemanha, pois que sente muito que os seus amigos germanicos levem para baixo. Assim, por uma questão de solidariedade, leva tambem.

—Os allemães vão publicar uma gazeta em portuguez manhoso, (*alias allemanhoso*), contra as mentiras dos alliados. Intitula-se *Die Verdade ist só-uma Zeitung*, que é como quem diz: *Ha só uma Razão no mundo e essa é a do Kaiser...*

É claro que estão no seu direito, os srs. *von* e *der* qualquer coisa...

—O chapeu alto, novo, do sr. Bernardino estreia-se definitivamente, por occasião da partida das tropas para a guerra.

Uma das favoraveis consequencias da nossa intromissão na guerra actual está no alargamento do nosso commercio e industria characteristicos.

Assim, a pevide e o amendoim, a favinha e o capilé vão chegar a onde nunca julgaram jámais, em tempo algum, chegar...

—A *Maria Ritta* disse esta manhã, á nossa porta o seguinte:

— «Eu cá, se fosse *home* e *menistro, dequertava* o transporte de *fava riça* para os ranchos das tropas na guerra. Era uma medida de fomento importante.

Maria Ritta tem sido muito cumprimentada, e vae offerecer esta opinião ao sr. Dato.

Consta-nos, tambem, que se nomearam setenta e cinco commissões para estudar a questão.

Nomes, nomes!

O assalto á *Vanguarda* dizem que foi dirigido por um sujeito que muito tem pontificado na associação do registo civil.

O Paiz que tanto tem defendido a justiça contra taes assaltantes, ainda não lhe publicou o nome.

Porque será?

Os alimões

O Intransigente afirma «que os alimões manobram em Portugal com os processos de suborno que empregam nos ontros paizes. Ha uma parte da imprensa de Lisboa que lhe está nas mãos.»

Nanja nós, que não vamos n'isso... Mas verdade, verdade ha para ahi alguns jornais que admiram muito o 42.

O ZÉ

Bi-semanario a côres. Publica-se ás quartas-feiras e aos sabbados, sendo o seu preço de 1 centavo (10 réis).

Para gosar

Theatros

S. Carlos: Funcionará n'este theatro a companhia do Republica inaugurando-se brevemente a temporada e tendo a epocha um reportorio brilhantissimo. Realisar-se-hão concertos aos domingos pela esplendida orchestra Blanch.

Coliseu: A grande, notavel e distincta companhia de circo tem obtido o mais largo aplauso de todo o publico. Os seus ultimos numeros alcançaram o mais extraordinario triumpho mencionadamente Morano, insigne cantor e musico, a completa companhia de cães amestrados Tenoff e mais todas as restantes novidades e atrações. Todas as noites espectaculos sensacionaes.

Nacional: A sociedade artistica sob a activa e intelligente gerencia de Lino Ferreira abre amanhã a sua epocha com a première da peça de Wolff *Coração á solta*. Posta em scena com todo o rigor é peça de molde a sensibilizar vivamente o publico e portanto a alcançar larga carreira. Tem sido muito concorrida a bilheteira fazendo tudo prever uma epocha de bela colheita de lucros.

Eden: Está-se manifestando o maior interesse e entusiasmo pelo brilhantissimo concerto que, no proximo domingo, se effetua no Eden Theatro, com o concurso do eximio pianista Rey Colaço, que, acompanhado pelo distincto violinista Forssini, executará a celebre *Sonata de Kreutzer*. Apresentae-se-ha tambem um corpo coral de 140 vozes, figurando n'ele tres solistas de nomeada, e pela orquestra sinfonica, sob a regencia do maestro Nicolino Milano, será executado um soberbo programa. Os bilhetes para este concerto teem sido procuradissimos, tudo deixando prever que o Eden terá na tarde de domingo uma concorrencia tão numerosa como seleta.

Hoje á noite o *Solar dos Barrigas* em representação unica.

Ginasio: Cada vez se acentua mais o brilhante successo que obteve no elegante e confortavel theatro do **Ginasio** mantendo integro o triumpho obtido na primeira noite, a desopilante e espirituosa comedia de George Feydeau, o *Pato*, a encantadora peça que bateu o «record» das enchentes.

Trindade: Continua merecendo aplausos o esplendido episodio dramatico *Avante Francezes*.

Avenida: Brevemente a revista *Céo azul* posta em scena com o maior luxo.

Rua dos Condes: *Peço desculpa*, está marcada para amanhã esta revista em duas sessões e em inauguração da temporada de inverno.

Cines

Anjos: Todas as noites espectaculos de fitas e variedades muito escolhidas.

Trindade: O immenso Rocambole em fita. O maior prodigio da actualidade. O que ha de mais moderno, mais empolgante, mais grandioso em animatographo.

Central: Sessões sempre variadas e concertos escolhidos.

Olympia: Esplendidas matinées ás 5.as e sessões bôas e bonitas á noite.

Salão Foz: Empresa Raul Lopes Freire & C.ª Novidades de grande sensação. Tem obtido bastantes applausos o numero artistico *Les Bellini*.

Terrasse: Esplendido animatographo que possue uma bella machina, optimo écran e apresenta fitas encantadoras.

****

Era uma vez...

Agarra-me aqui no volume

Outro que este já está e ainda sobejam **Gabirús** para o outro volume.